



ISSN: 1983-8379

## ***O ANO DA SECA* (1997) – VÍCTOR ÁLAMO DE LA ROSA E A TRAVESSIA**

<sup>1</sup>Sarah Munck Vieira

RESUMO: o presente estudo dedica-se ao romance *O Ano da Seca* (1997) com o qual o escritor Víctor Álamo de la Rosa compromete-se com a história de Canárias e, através do personagem Aquilino, reflete sobre a dialética da migração. O artigo examina o entrelaçamento das realidades físicas e simbólicas evocado pela multiplicidade de personagens, tempos e espaços presentes na *Isla Menor*. A partir da sequeidão física e espiritual surge o desejo de re/começo que estende-se pela travessia do Atlântico.

Palavras-chave: Ilha Menor; Multiterritorialidade; Migração; Travessia; Devir.

RESUMEN: el presente estudio está dedicado a la novela *O Ano da Seca* (1997) con la cual el escritor Víctor Álamo de la Rosa recupera la historia de las Islas Canarias y, a través del personaje Aquilino, reflexiona sobre la dialéctica de la migración. El artículo trata la interrelación de las realidades físicas y simbólicas evocada por la multiplicidad de personajes, tiempos y lugares presentes en la *Isla Menor*. A partir de la sequía física y espiritual surge el deseo de recomenzar que se extiende por la travesía del Atlántico.

Palabras clave: Isla Menor; Multiterritorialidad; Migración; Travesía; Devenir

### **Introdução**

O presente artigo discorre sobre o cenário inóspito do universo mítico da *Isla Menor* criado pelo escritor Víctor Álamo de la Rosa em sua narrativa *O Ano da Seca* (1997), e observa como se dá a construção de um espaço repleto de significações simbólicas, construído a partir da multiplicidade de personagens que deslocam-se através da sucessão de tempos e territórios.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.



ISSN: 1983-8379

De maneira semelhante, o estudo examina a dialética da migração ao lançar um olhar cuidadoso para o personagem Aquilino que decide migrar para a América abandonando a amada Efigênia com quem acabara de desnudar uma impetuosa paixão, e com quem havia gerado um filho que nasce enquanto o jovem islenho parte em direção ao novo continente.

Através da leitura do prefácio de José Saramago, o artigo reafirma a responsabilidade e o engajamento literário de Víctor Álamo de la Rosa como um escritor capaz de agenciar a enunciação coletiva daqueles que embarcaram rumo à América durante o século XX, e também daquelas vozes que hoje ainda ressoam nos mais recônditos recantos do arquipélago canário.

### 1. O projeto literário de Víctor Álamo de la Rosa e a *Generación 21*.

Ángel Morales, organizador da antologia *Generación 21: nuevos novelistas canarios* publicada em 2011, reúne uma série de escritores procedentes das Ilhas Canárias e descreve com riqueza de detalhes a mais nova explosão da narrativa do arquipélago que, a partir da década de 90, começa a alcançar a madurez consolidando-se já no início do século XXI e tratando com “*talento, atrevimiento y continuidad*” (MORALES, 2011, p.8) a <sup>2</sup>novela de gênero. Morales publica um conjunto de relatos (contos) breves que leva o leitor ao conhecimento das novas vozes de narradores que propagam a tradição narrativa isleña explicitamente narrativa. De acordo com Sabas Martín (MORALES apud MARTÍN, 2011, p.8), em seu ensaio “*Inventario provisional o Canarias, ¿tierra solo de poetas?: Aproximación a la narrativa canaria actual*”, é possível encontrar em Canarias autores de contos que não escrevem necessariamente romances, assim como há aqueles escritores que não deram continuidade ao projeto literário já que “*una novela sola no hace al novelista*” (MORALES apud MARTÍN, p. 8). Ángel Morales apodera-se do discurso de Martín para destacar as figuras contemporâneas que conseguiram abordar com êxito os denominados “*relatos extensos*” ou <sup>3</sup>“*novela*” (MORALES, 2011, p. 9).

2 Conforme Ángel Morales (2011), nunca no conjunto das narrativas canárias foi registrada uma eclosão de escritores que, com indubitável maestria, abordassem as denominadas novelas de gênero, ou seja, as novelas negra, policíaca, histórica, erótica, de ciência ficção ou fantástica, novela-mundo (universos míticos), urbana, de testemunho e social.

3 Na língua portuguesa a palavra *novela* pode ser traduzida por romance.



ISSN: 1983-8379

É imprescindível observar que Morales (2011) não ignora a história literária do arquipélago, muito pelo contrário, ele assume que no decorrer no século XX a narrativa canária fortaleceu-se e muitos escritores dos últimos cinquenta anos continuam publicando até os dias atuais. Em seu artigo “*Narrativa canaria de los 80 y su proyección al siglo XXI: ¿Qué hay de nuevo, viejo?*” (MORALES apud MARTÍN, 2011, p. 10), Sabas Martín aponta para três peculiaridades da literatura canária atual: a proliferação do conto, o aparecimento de escritoras e a expressão do denominado gênero negro cujo crescimento assumiu um considerável número de narrativas.

Ainda em diálogo com o ensaio, o autor da antologia argumenta que é preciso lançar o olhar para além da narrativa negra a fim de constatar a irrupção de diferentes “*novelas de género*” (MORALES, 2011, p. 11) que, de acordo com Sabas Martín, são permeadas por algumas constantes: “*continuidad de esse universo-isla, legado de la generación anterior, que se manifiesta en la creación de territorios míticos en que se resume la vivencia del pasado, la geografía y la condición existencial de la insularidad*” (MORALES apud MARTÍN, 2011, p. 11). Conforme veremos no presente artigo, o escritor Víctor Álamo de la Rosa (nascido em Santa Cruz de Tenerife em 1969) torna-se um dos seus principais representantes.

Finalmente, Ángel Morales confessa a necessidade de destacar aqueles que ultrapassaram o despontar narrativo e vêm distinguindo-se na contemporaneidade por uma insaciável vontade de narrar.<sup>4</sup> Para tanto, o autor escolhe escritores que nasceram entre 1960 e 1973, tais como, Javier Hernández Velázquez, Santiago Gil, Alexis Ravelo e o escritor Víctor Álamo de la Rosa. A nova geração de romancistas canários é denominada por *Generación 21* e delimita-se ao redor das Ilhas Canarias e pelo período de tempo entre o final do século XX e primeira década do XXI. O presente artigo investiga o escritor Víctor Álamo de la Rosa – um dos integrantes da *Generación 21* – que vem destacando-se desde a publicação de suas primeiras narrativas, tais como o conjunto de contos *Las mareas brujas* (1991) e a novela *El humilladero* (1994), assim como os romances *O Ano da Seca* (1997), *Campiro que* (2001),

---

<sup>4</sup> Cabe lembrar que Ángel Morales (2011) em sua antologia descreve uma lista de nomes que, apesar de não haverem consolidado-se como escritores de narrativas, já demonstraram suficientes qualidades em seus livros e poderão transformar-se em grandes nomes da narrativa canária. Entre eles destacaremos as escritoras Elsa López e Cecilia Domínguez.



ISSN: 1983-8379

*Terramores* (2007), *La cueva de los leprosos* (2010) e o mais recente livro de relatos *Mareas y marmullos* (2011). Conforme Morales (2011, p 14), Álamo de la Rosa, cujo projeto literário destaca-se pela criação de um universo mítico, a *Isla Menor*, é o escritor canário de maior projeção nacional e internacional, de consistente carreira editorial e “*pedra angular de este nuevo resurgimiento de la narrativa canaria*” (MORALES, 2011, p. 14). O conjunto literário do autor também envolve a publicação de livros infanto-juvenis como *El naufragio de los mapas* (1998) e *Omar el Cangrejo* (2004), além de coletâneas de poesia como *Altamarinas* (1997) e *Mar en tierra* (2002).

A próxima seção dedica-se ao estudo do romance *O ano da Seca* (1997), publicado primeiramente no Brasil com o prefácio de José Saramago pela editora Sette Letras, e mais tardiamente traduzido para diferentes idiomas, incluindo a versão original em língua castelhana, *El Año de la Seca*, pela editora venezolana Monte Ávila (2000) e a edição revisada pela editora espanhola *Espasa* (2002).

## 2. O ano da seca.

Escrito parcialmente no Brasil, país no qual Víctor Álamo de la Rosa viveu durante um determinado período, a narrativa *O Ano da Seca* (1997) reproduz o cenário desolador de seca e miséria que afrontou a denominada ilha *El Hierro* em meados dos anos 40 do século XX e, mais especificamente, em 1948 quando muitos islenhos arriscaram a própria vida entregando-se à clandestina travessia do Atlântico rumo aos misteriosos destinos das Américas: “Entre a secular seca padecida por aquelas terras e as imposições do governo dos fascistas muitos aldeões só abrigavam como escapatória aquela esperança incerta de alguns barcos incertos que emigravam para um continente incerto” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 26).

Álamo de la Rosa re/cria no universo mítico da *Isla Menor* a calamidade apocalítica do ano da seca. O argumento da segura da terra e a complexa geografia invadem a vida dos personagens que são arrebatados, paulatinamente, pela ânsia de agarrar-se a mais mínima esperança: “Porém o mais complicado foi sempre conseguir água potável, pois fazia praticamente um ano que estava racionada em toda ilha. Nos últimos tempos quase que a

4



ISSN: 1983-8379

única água disponível na Isla Menor é a que enviava compassivo o Governo em seus barcos-pipa” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p.72).

Diante do quadro retratado surge a sequidão de ânimo que atravessa o íntimo dos mais humildes pescadores aos mais jovens e abrasados corações:

“Este vai ser o ano da seca, da seca que crescerá ao máximo e na dimensão bíblica com o ventar do tempo, com o recordar sofrido de tantas memórias de fome. Seca estiagem como um acorde monocórdio estendendo sua monotonia de séculos pela face da ilha. Aridez de farpa de cacto e dor de lava arrevesada, de pedras estilhaçando-se na noite que tampouco vira água mas sim espinhos” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 22).

É diante da falta de água e do desanimador cenário político que inúmeros islenhos entregam-se ao desejo incessável de recomeço através do processo migratório em desconhecidos mares que partem em direção aos longínquos lugares. Surge na narrativa o legendário Saturnino, embarcação responsável pela fuga de inúmeros habitantes da ilha que, no século XX, dispuseram-se a atravessar o enigmático oceano Atlântico: “Ambos os homens navegavam atrás do rastro de um barco, o Saturnino, que naquela noite de singular escuridão zarparia clandestinamente na direção de uma promessa, na direção de um único porto chamado América” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 27).

A carência de água emerge como o ensejo para a liberdade pois inspira a travessia mas por outro lado revela a prisão uma vez que o Atlântico, representante da transformação da carência de sonhos para a abundância de vida, abraça a misteriosa divisa entre a utopia e a realidade: “É a ausência da água o que empurra e é um infranqueável e inavegável muro de água aquilo que impede a fuga. É a grande cartada de um pequeno deus perverso” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 23).

Víctor Álamo de la Rosa não antevê apenas a privação física e a problemática da emigração, mas também a secura espiritual que leva os personagens Efigênia e Aquilino à deriva de seus desassossegos e ao extremo de seus desejos sexuais. O sentimento de incompletude e o ímpeto por atravessar-se emana sobre os mais diversos personagens da narrativa. Conforme será discutido, urge uma verdadeira avalanche de vozes que re/contam o



ISSN: 1983-8379

enredo desde o seu *locus* enunciativo transformando *O Ano da Seca* (1997) em um romance polifônico e dotado de territorialidades.

### 3. A multiplicidade de vozes e o inter cruzamento de (multi) territorialidades.

No universo dos estudos da linguagem o conceito de polifonia aparece com a publicação dos trabalhos de Bakhtin (1981) em torno a obra de Dostoiévski e com a qual o pesquisador teoriza sobre a relação autor/personagem cujo movimento de vozes coloca-os em um mesmo patamar. Segundo Bakhtin (2002, p. 4), “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes” constroem a peculiaridade em seus romances. Dostoiévski torna-se o criador da narrativa polifônica na qual os conflitos gerados pelo trânsito de consciências acarreta na autonomia da cosmovisão de cada personagem. Para o estudioso, a enunciação do herói passa a ter tamanha importância tal como a própria voz do autor, fato que caracteriza um romance polifônico, isto é, cada personagem expressa pensamentos e valores independentemente elaborados no tecer da narrativa.

Narrado em terceira pessoa, *O Ano da Seca* (1997) assinala-se pelo despertar de vozes que inter cruzam-se ao longo da narrativa. Advindos de distintos espaços e tempos da *Isla Menor*, os personagens exprimem através do dinamismo polifônico as suas perspectivas e experiências de vida que somadas conferem totalidade ao fluxo narrativo. De semelhante modo, o romance fundamenta-se pela multiterritorialidade com a qual, conforme o geógrafo brasileiro Haesbaert (2007), são construídos múltiplos territórios sejam eles políticos/econômicos ou subjetivos/simbólicos. Ao articular diversas enunciações a obra afirma-se pelo inter cruzamento de multiterritorialidades. Cada personagem “experimenta vários territórios ao mesmo tempo” e vivencia a multiterritorialidade (HAESBAERT, 2007, p. 344) já que, segundo Haesbaert “toda relação social implica uma interação territorial, um inter cruzamento de diferentes territórios” (HAESBAERT, 2007. p. 344). Cabe salientar que Haesbaert (2007) conceitualiza o termo território como um espaço demarcado por fronteiras físicas e políticas, mas também por delimitações simbólicas. O conceito de territorialidade deve associar-se às relações políticas mas também aos elementos de ordem simbólica pois

6



ISSN: 1983-8379

relaciona-se com os significados que cada pessoa confere aos espaços. O universo da *Isla Menor* é criado sob a ótica da multiterritorialidade quando a multiplicidade de territórios subjetivos e físicos mesclam-se com as vozes dos personagens.

A primeira cena do *Ano da Seca* (1997) inicia-se com o prenunciamento do desfecho da aventura amorosa e do desabrochar sexual dos jovens Efigênia e Aquilino: o trágico nascimento e assassinato do filho pelas justiceiras mãos do avô Cândido: “A navalha não se deteve até cravar-se inclusive no solo do quarto porque Cândido nunca pensou que o coração de um recém-nascido fosse tao terno” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p.19).

A partir do segundo capítulo a trama intercala diferentes tempos e espaços, ora desvelando o presente, como a migração de Aquilino e demais islenhos (entre eles o pescador Isidel) em direção à América : “E torrencialmente, durante a singradura do Saturnino, que agora mal se acabava de inaugurar, choveria o tempo morto, as horas insípidas, dias e semanas onde nada havia que fazer além de suportar o tédio da navegação” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 40); ora revelando acontecimentos passados como o relacionamento secreto entre Efigênia e Aquilino: “Era o amor às vezes abrigado entre os ramos frondosos, fartos, das figueiras, ilha acima, porém também às vezes era a paixão brotando na obscuridade atravessada de uma gruta vulcânica, ilha abaixo no litoral” (Álamo de la Rosa, 1997, p. 42).

As histórias de outros personagens são devidadas e colaboram para o caráter (multi) territorial e poliônico de *O Ano da Seca* (1997) pois arquitetam em seu âmago narrativo a diversidade de conjunturas. Entre alguns acontecimentos estão: a história do padre Benito: “morreu assim, justo no instante em que havia decidido abrir sua vida a outro destino, sem saber que aquela tormenta só foi até àquele trecho da costa para matá-lo” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p.57); o definhamento do pai de Efigênia e a morte de Glória que “pensou que morria de noite ainda que em realidade fossem três horas da tarde, a tarde de uma tarde intranquila e fugidia” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 100); a fuga do pescador Isidel junto ao Saturnino e o posterior desespero da família: “És mulher de pescador e sabes que com o mar não se brinca e que às vezes nos engole um de seus mistérios. É assim mesmo, um de nós desaparece de vez em quando” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 36); a poesia criada pelo migrante Ódon Machín como tentativa de imortalizar a viagem das cinquenta pessoas: “A caminho nos pusemos/intranquilos caminhamos” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 41); a

7



ISSN: 1983-8379

chegada do Saturnino “em um dos mangues localizados a umas sessenta milhas de Caiena, capital da Guiana Francesa” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 119).

Em meio ao murmurinho de personagens destaca-se a voz de Aquilino que, conforme será explanado na próxima seção, sintetiza os paradoxos da migração.

#### 4. A travessia de Aquilino e a dialética da migração.

Na narrativa *O Ano da Seca* (1997) Aquilino percebe-se confrontado diante do desejo de migrar e re/começar a vida em novos territórios ou perseverar na *Isla Menor* desafiando os pais de Efigênia e junto a ela e ao filho que haviam concebido, entregar-se à promessa de um futuro de incertezas e dificuldades. Na verdade, o jovem islenho enclausurado pelos rincões da ilha, vencido pela dúvida e pelos comentários que faziam sobre a sua noiva, entregue a “tremendas enxaquecas e algumas equimoses grandes” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 51) sente-se vencido e embarca no Saturnino, “num barco do qual nada sabia exceto que ia zarpar” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 51).

A decisão de Aquilino rompe o pacto amoroso com a amada e provoca, segundo Álamo de Rosa (1997, p. 51), duas graves consequências:

“por um lado Efigênia rompendo águas para desembaraçar-se do pesado fardo de sua gravidez, e por outro e também rompendo águas a quilha do <sup>5</sup>*Saturnino* com Aquilino dentro, assustado sulcando o mar oceano ao mesmo tempo que definido se desata o temporal do parto dentro de Efigênia, porque era Efigênia parindo e o *Saturnino* zarpando, levantando âncora, os dois extremos de uma mesma cadeia, as duas pontas de uma mesma corda que se estica, grito a grito e onda a onda, até por fim romper-se, quebrar-se no momento em que a criança aflora ao mundo e as velas maltratadas do *Saturnino* captam um pouco de ar para finalmente sair da *Baía de las Playas*”.

Aquilino deposita os sonhos junto aos mistérios da migração e ao fazê-lo percebe-se dividido entre aquilo que abandonou e o futuro imprevisível: “no azul cristal das ondas se desenhava Efigênia, acompanhando seu rosto o navegar do *Saturnino*. Aquilino se deleitava

<sup>5</sup> Palavra colocada em itálico pelo próprio escritor.





ISSN: 1983-8379

em sua recordação. Demasiados momentos inolvidáveis” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 118). Conforme Polar (2000, p. 130), “o migrante estratifica suas experiências de vida e que não pode nem quer fundi-las, porque em sua natureza descontínua enfatiza precisamente a múltipla diversidade desses tempos e desses espaços, e os valores e imperfeições de uns e outros”.

O migrante Aquilino é assaltado pela discrepância da migração e passa a rememorar, durante a travessia, a vida na *Isla Menor* contrastando-a com a possibilidade de encontrar em outros lugares os “imprevistos ares, imprevistos tempos, corações desconhecidos” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 117) que saciassem a sua incompletude: “o universo próprio no qual podia por fim abandonar as malas lastradas de seu ser, a equipagem molesta de seu caráter insaciável” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 118). Segundo Polar (2000, p. 136), “o migrante (...) sempre terá atrás de si sua experiência fundadora e uma quase imperturbável capacidade de referir a existência à natureza das estações e das fronteiras que teve de conhecer, para instalar-se num lugar que provavelmente tanto o fascina como o aterra”.

Finalmente, ao pouco mais de trinta dias o Saturnino carregado de inúmeros islenhos “famintos e andrajosos” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 119) chega à América. O emigrante Aquilino lança a âncora da esperança em terras desconhecidas enquanto as imagens de seu cotidiano na *Isla Menor* dissolvem-se como fantasmas. A vida do personagem passa a alongar-se como “um espaço em branco, uma tela que devia ir desenhando desde o princípio até chegar ao ponto final da existência” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 120). Deslocado em um novo lugar, o jovem precisa entregar-se “com vontade na direção do futuro” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 120). Sayad (1998, p. 14) cita que “como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal”.

Sob a ótica dos islenhos que permaneceram na *Isla Menor*, Aquilino protagoniza o ser emigrante: “e foi o que disse a mesmíssima Efigênia, a qual sabedora de que Aquilino se havia decidido a colocar entre eles a imensidão do oceano, segundo pôde averiguar por sua família” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 74). Por outro lado, transportado em sua mais recente experiência, o personagem sintetiza o ser imigrante: “Aquilino havia sentido madurar,



ISSN: 1983-8379

em pouco mais de trinta dias, o tempo invertido pelo Saturnino em arribar para a América” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 119).

Como diferentes peças de uma mesma obra, os sentimentos de saída e chegada, desfecho e re/começo, despedida e re/encontro adornam a alma de Aquilino que incorpora em sua travessia as contrariedades da migração:

“na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo, mas igualmente necessidade de ordem epistemológica, pois o que chamamos de emigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração” (SAYAD, 1998, p. 14).

Os fragmentos de memória relacionados ao lugar de origem e àqueles a quem dedicara o seu amor, permeiam as mais íntimas lacunas da alma de Aquilino: "a gente nunca sabe direito por que deixa a ilha (...) por ...medo. Medo de tudo, medo da seca e da fome. Medo dos civis. Meda das pessoas. Meda da ilha. Medo...Medo, sei lá...do amor" (Álamo de la Rosa, 1997, p. 39). A dialética originada pela travessia permanece em seus pensamentos ainda que ancorado em longínquas terras: "para embriagar-se com aguardente e lavar com esse calor do álcool os entumescidos da viagem, para dissipar os cavernosos medos da fuga, do insidioso dever de deixar Efigênia, dissolvendo-se nos braços amáveis de uma prostituta negra" (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 120).

Na última sessão o estudo exprimirá a importância do prefácio de José Saramago em *O Ano da Seca* (1997), assim como o *devoir* do escritor canário diante da criação de um espaço (multi) territorial: América e Ilhas Canárias.

##### **5. “O barco foi lançado ao mar” (ÁLAMO DE LA Rosa, 1997, p.11): o prefácio de José Saramago e o *devoir* do escritor canário.**

O escritor José Saramago inicia o prefácio de *O Ano da Seca* (1997) afirmando que escritores não mudam o rumo da humanidade mas podem ajudar, acompanhar e até transformar um leitor que “tenha decidido acolher-se à leitura para fazer dela um acto de



ISSN: 1983-8379

amor, um exercício de comunicação entre duas pessoas reais, autor e leitor unidos no objecto tangível que é o livro, na vontade criadora que é a prática da leitura” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 9). Saramago revela a responsabilidade fundamental e insubstituível daquele que dedica-se ao fazer literário pois “ tem diante de si o seu próprio campo para lavrar, e se não cuida da sua terra, se não a limpa, se não a semeia e rega, ela acabará em terreno baldio, inútil para ele e para os outros, sejam os seus contemporâneos ou sejam os que vierem depois” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 10).

Conforme Deleuze e Guattari (2003, p. 40 - 41), a literatura carrega em si a “função de enunciação colectiva e mesmo revolucionária” e exprime os agenciamentos colectivos de enunciação que existem “como forças diabólicas por vir ou como forças revolucionárias por construir”. Ao construir um espaço mítico a partir dos agenciamentos – territorialidades – da *Isla Menor*, Víctor Álamo de la Rosa debruça-se sobre a responsabilidade de enunciar as múltiplas vozes silenciadas ao longo do processo migratório e constitutivo das Ilhas Canarias. Concomitantemente, ao mitificar o espaço ultra-mar Álamo de la Rosa transforma a travessia do Atlântico em um *continuum* de territorialidades físicas e simbólicas (HAESBAERT, 2007) que representa a possibilidade de evadir e recomeçar em novas terras e/ou o evadir-se <sup>6</sup>a si próprio assumindo o carácter dialético da migração: a partida que também é chegada.

De acordo com José Saramago, Víctor Álamo de la Rosa tem diante de si a função cívica de escritor que permite que “outra gente se reconheça numa tradição, receba e transmita uma herança cultural que lhe permitirá reconhecer-se” (ÁLAMO DE LA ROSA, 1997, p. 11). Quando o barco seja lançado ao mar e chegue a bom porto o escritor e o leitor se encontrarão lado a lado, engajados no próprio *devir* da vida que atravessa a literatura pois "até lá, na direção da fronteira última que flutua ao fundo do horizonte marinho, cresce a esperança" (Álamo de la Rosa, 1997, p. 23).

“O barco foi lançado ao mar. Que chegue a bom porto já é outra história, o escritor está no celeiro construindo outros barcos com os materiais da sua própria formação, só de vez em quando levantará os olhos para ver se no horizonte se desenha a sua silhueta, ou talvez para descobrir no porto um passageiro com um livro debaixo do braço, alguém que reproduza a cadeia de comunicação entre escritor e leitor, que é o

---

<sup>6</sup>Reforço proposital



ISSN: 1983-8379

motivo porque todos nos movemos” (José Saramago – prefácio de *O Ano da Seca*, 1997).

## Conclusão

O presente artigo dedicou-se ao estudo da narrativa *O Ano da Seca* (1997) e observou como o fenômeno da migração fragmenta as memórias e as instâncias (POLAR, 2000) dos habitantes da *Isla Menor* e, mais precisamente, irrompe na trajetória do islenho Aquilino que, rodeado e atado pela imensidão do oceano Atlântico e pelas inquietantes recordações, decide buscar junto ao Saturnino uma novo lar no continente americano. Conforme esmiuçou-se, as lembranças sobre a ilha e o relacionamento com a Efigênia perpassam os pensamentos e os sentimentos do jovem migrante que vê-se atrapado no movimento dialético da travessia (SAYAD, 1998).

Observou-se como no universo mítico da *Isla Menor* constroem-se os cruzamentos de vozes e territórios que, conforme Haesbaert (2007), inscreve a narrativa em um espaço dotado de multiterritorialidades físicas e simbólicas. Territorialidades que, de maneira semelhante, inter cruzam-se em um verdadeiro *continuum* e são transportadas para além do horizonte islenho aproximando a *Isla Menor* aos portos longínquos da América.

A carência de água e o desejo de saciar-se com o mais insignificante lampejo de vida transforma *O Ano da Seca* (1997) em um *devir* (DELEUZE e GUATARRI, 2003) propulsor de espaços, personagens e tempos que atravessam os planos sociais, econômicos e políticos da *Isla Menor* e retratam a partir de um movimento polifônico (BAKHTIN, 1997) as diferentes histórias que fundamentam o universo narrativo.

O escritor canário Víctor Álamo de la Rosa ao ficcionalizar e re/criar elementos históricos e simbólicos pertencentes ao arquipélago canário, reivindica o compromisso com o seu tempo e com o seu povo e transforma a sua literatura em patrimônio vivo para todos seus leitores: eterno presente mas também eterno *devir*.



ISSN: 1983-8379

## Referências

BAKHTIN, Mikhail M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

DE LA ROSA, Víctor Álamo. *O Ano da Seca*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 1997.

DELEUZE, Gilles;. “*A literatura e a vida*”. In: *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. Sao Paulo: Ed. 34, 1997. p. 11 – 16.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assirio e Alvim, 2003.

HAESBAERT, Rogerio (2007). *O mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios a multiterritorialidade”*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

MORALES, Ánghel [ed.]. *Generación 21: nuevos novelistas canarios*. Ediciones Idea, 2011. Ediciones Aguere, 2011.

POLAR, Antonio Cornejo. *O Condor Voa: Literatura e Cultura Latino-Americanas*. Tradução Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

PORTO, Maria Bernadette e Torres, Sonia. “*Literaturas Migrantes*”. In *Itinerários Transculturais*, org. Euridice Figueiredo. Niterói e Juiz de Fora: EDUFF e Editora UFJF, 2005.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou Os Paradoxos da Alteridade*. S.P.: EdUSP, 1998.



ISSN: 1983-8379